

## **Vigilância e controle nas fotografias da pandemia da covid-19<sup>1</sup>**

Ruth REIS<sup>2</sup>

Vitor Jubini VENTURIN<sup>3</sup>

Universidade Federal do Espírito Santo

### **RESUMO**

Três fotografias jornalísticas publicadas em dois portais da imprensa no Brasil, Folha de S.Paulo e BBC News Brasil, analisadas sob o ponto de vista da Análise de Conteúdo, revelam aspectos desdobrados na pandemia de covid-19. Essas imagens permitem ao fotojornalismo uma aproximação com conceitos relacionados à vigilância e controle abordados aqui por autores clássicos como Foucault (2008) e Deleuze (1992), assim como por autores contemporâneos como Agamben (2020), Han (2020) e Preciado (2020). Sendo assim, este trabalho permite verificar a materialização visual de valores que afligem a sociedade contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; pandemia, covid-19; vigilância; controle**

### **Introdução**

A discussão presente neste trabalho faz parte de uma dissertação de mestrado intitulada "Fotojornalismo: narrativa visual da pandemia de coronavírus" desenvolvida pelos autores no âmbito do programa de Pós-graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde foi possível constatar, através da concepção de fotografias jornalísticas, os sentidos manifestados pela pandemia de covid-19.

Em uma aproximação inicial com o objeto de pesquisa, presente nos portais de notícias brasileiros, identificamos uma uniformidade na aplicação das fotografias (Figura 1), uma espécie de agendamento imagético das cenas e situações mais frequentes durante o surto da doença. Na ocasião, por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), coletamos e dividimos 192 imagens sobre a pandemia no mundo, publicadas entre os dias 01 de janeiro de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Fotografia do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

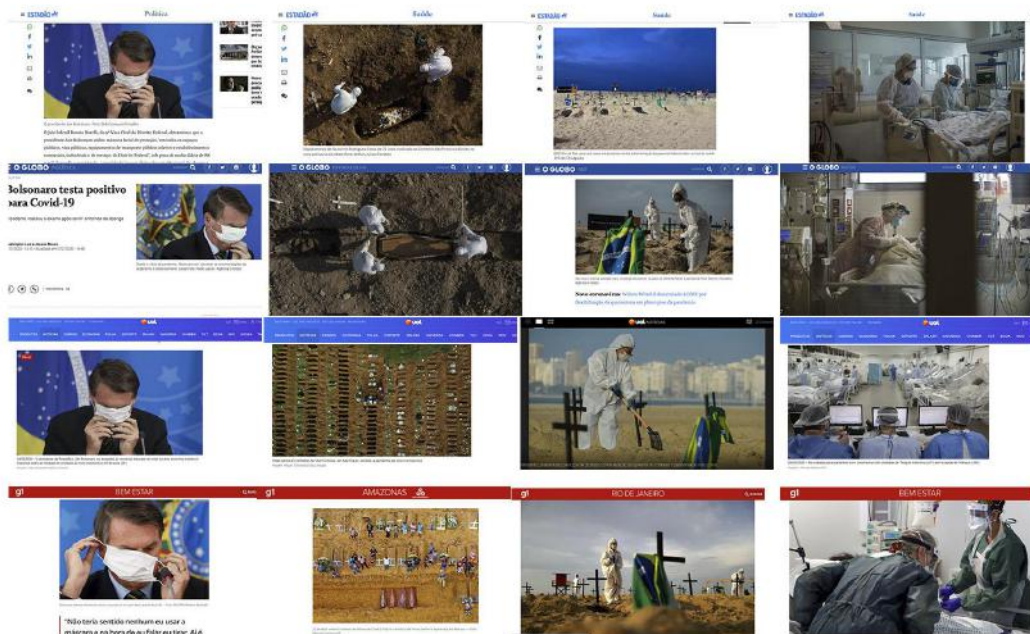
<sup>2</sup> Professora Doutora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, email: ruthdosreis@gmail.com

<sup>3</sup> Professor Mestre do Departamento de Comunicação Social do Centro Universitário FAESA, email: vitor01@gmail.com

2020 a 11 de março de 2021, em seis categorias temáticas: vigilância e controle; politização; angústia; dor/luto; presidente Bolsonaro; vacinação/esperança.

As categorias foram criadas após a organização dos dados apurados, agrupando-os por afinidade de elementos visuais e significados de cada imagem. O período de tempo estipulado corresponde ao primeiro ano da pandemia no Brasil e para nosso recorte, optamos por dois veículos de comunicação, o site Folha de S.Paulo<sup>4</sup> (folha.uol.com.br) e o site BBC News Brasil<sup>5</sup> (bbc.com/portuguese), levando em consideração critérios como tradição na produção jornalística, audiência e produtividade acerca de notícias sobre a pandemia.

Figura 1: Padrões de fotografia sobre a pandemia publicados em portais de notícias brasileiros



Fonte: uol.com.br, estado.com.br, g1.globo.com, oglobo.globo.com. Montagem elaborada pelos autores

Com a intenção de aprofundar um dos aspectos desdobrados na pesquisa, optamos por elaborar este artigo, sendo assim, escolhemos a categoria "vigilância e controle" como tópico de estudo, por apresentar elementos que impactaram profundamente a sociedade, além de propiciar o diálogo entre fotojornalismo e outras áreas do conhecimento. Permanecer em um estado de isolamento semelhante a estar em prisão domiciliar, sem a possibilidade de interações físicas com pessoas do círculo pessoal, pode ter sido uma das consequências mais

<sup>4</sup>[https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/folha-atinge-recorde-de-audiencia-com-coronavirus.shtml?aff\\_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996](https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/folha-atinge-recorde-de-audiencia-com-coronavirus.shtml?aff_source=56d95533a8284936a374e3a6da3d7996)

<sup>5</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44388848>



Portanto, neste estudo, busca-se analisar como a linguagem fotojornalística materializa visualmente os conceitos de vigilância e controle em imagens fotográficas publicadas pela imprensa brasileira e de que forma ela se relaciona com conceitos de outras áreas do conhecimento.

### **Fotojornalismo e pandemia**

Enquanto parte da população buscava refúgio seguro no estágio mais nefasto da pandemia, jornalistas e fotógrafos se lançavam em um ambiente hostil com o propósito de reportar os acontecimentos em andamento. Restrições de movimento, preocupações com a segurança pessoal e a evolução constante da situação tornaram a cobertura ainda mais complexa. A necessidade de manter o distanciamento social e os protocolos de segurança muitas vezes limitou a proximidade física necessária para criar imagens impactantes, o que acarretou no uso de lentes teleobjetivas e até em drones durante muitas situações.

A fotografia, como uma forma de expressão visual, pode abordar questões políticas filosóficas, estimular a reflexão e desencadear discussões sobre temas de outra área do conhecimento. A pandemia desencadeou uma profusão de imagens reveladoras que abordam diversos aspectos da crise da covid-19. "A pandemia do novo coronavírus é também uma pandemia de imagens. Nela se consolidou um novo vocabulário visual, fundado em estéticas da vigilância e da extroversão da intimidade" (BEIGUELMAN, 2020, p. 550).

A covid-19 despertou uma gama de complexidades em diversos aspectos, incluindo saúde pública, economia, relações sociais, sistemas de saúde e governança global. As implicações abrangem desde desafios médicos, como a compreensão da doença e o desenvolvimento de vacinas, até questões sociopolíticas, como medidas de contenção, desigualdades no acesso à saúde e coordenação internacional. Além disso, a pandemia também trouxe à tona debates sobre liberdades individuais versus segurança coletiva, bem como mudanças nas dinâmicas de trabalho, educação e interações humanas. Este enredo desencadeou na circulação de um volume contundente de informações das mais variadas categorias e linguagens.

Frente a tal fenômeno, a Organização Mundial da Saúde (OMS), constatou "...um grande aumento no volume de dados associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a

---

pandemia atual”. Então, influenciada pela circulação de informações, principalmente oriundas de fontes não confiáveis acerca do assunto, tanto nos meios tradicionais de comunicação como em mídias sociais, o órgão internacional constituiu o termo "Infodemia"<sup>6</sup> para combater a desinformação na luta contra a covid-19.

Diante da conjuntura exposta acima, isto é, em meio a um frenesi informativo, incluindo aí as imagens, encontra-se a fotografia, mais precisamente o fotojornalismo, com sua capacidade de observar, registrar, analisar e opinar sobre a atividade humana e as consequências trazidas ao planeta. “A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajuda a credibilizar a informação textual” (SOUSA, 2002, p.5).

Peça fundamental na composição do sistema jornalístico contemporâneo, a linguagem fotográfica emerge como um elemento significativo no âmbito comunicativo, especialmente devido à sua habilidade em transmitir e sintetizar informações. Conforme Sontag (2004), "numa era sobrecarregada de informação, a fotografia oferece um modo rápido de aprender algo e uma forma compacta de memorizá-lo" (SONTAG, 2004, p.23). Dentro de uma pandemia de imagens, as fotografias apresentam competências que contribuem para a eficiência e compreensão de sua mensagem.

Em determinados períodos, como a pandemia de covid-19, a fotografia jornalística tem um poder inegável de transformar eventos comuns em cenas emblemáticas que ecoam na memória coletiva e capturam a essência de um momento. "A fotografia jornalística converte por isso o acontecimento fotografado em acontecimento notável, em cena emblemática" (RODRIGUES, 1994, p. 125). Com uma combinação de conhecimento técnico, sensibilidade e domínio da linguagem, os fotojornalistas têm a capacidade de congelar instantes cruciais que, de outra forma, poderiam se perder na obscuridade da história.

Desse modo é justo pensar que certas fotografias pandêmicas venham se tornar as chamadas "imagens-sintomas", conceito proposto por Charaudeau (2013), onde imagens alcançam uma carga simbólica expressiva que transcendem o imediatismo do evento e ultrapassam o mero registro factual. "A imagem deve remeter a imaginários profundos da vida" (CHARAUDEAU, 2013, p.246). Elas comunicam emoções complexas, contextos sociais e políticos, e muitas vezes servem como um catalisador para a reflexão e o diálogo.

---

<sup>6</sup> [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf?sequence=16](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16)

---

## Corpos sob instrumentos vigilantes

O período de quarentena determinado pelas autoridades resultou em situações semelhantes em diferentes regiões. Imagens de cidades desertas capturam a falta de atividade humana e de veículos nas vias das áreas urbanas, estabelecimentos comerciais fechados, uma notável diminuição de movimento e a presença escassa de indivíduos. Em diversos locais, foram colocadas barreiras físicas, tanto em áreas urbanas como em espaços internos, com a finalidade de restringir, direcionar e controlar entradas. O fechamento de fronteiras resultou na inatividade de aeroportos e enfraqueceu consideravelmente o setor do turismo.

A suspensão das celebrações religiosas gerou desconforto entre os seguidores, que alegaram restrição ao seu direito de expressar sua fé. A implementação do teletrabalho e do ensino remoto resultou no fechamento de escritórios e escolas. Embora não tenha sido estritamente observado em todos os lugares, a quarentena obrigatória levou muitos residentes a um estado de reclusão. As fotografias retratam a situação de indivíduos que estão confinados em suas residências, impedidos de sair devido à ameaça de punições por parte das autoridades de Estado. Essas imagens evocam a sensação de isolamento, restrição, limitação e falta de liberdade.

As primeiras intervenções adotadas pelas autoridades sanitárias para contenção da pandemia de covid-19, desencadeada a partir de dezembro de 2019, foram estabelecidas com a intenção de limitar o convívio social, evitando assim a propagação do vírus (SarsCov 2) que se dá por meio de gotículas respiratórias contaminadas. De acordo com Aquino et al (2020) durante uma quarentena, “todos os indivíduos devem ser monitorados quanto à ocorrência de quaisquer sintomas. Se tais sintomas aparecerem, as pessoas devem ser imediatamente isoladas e tratadas” (AQUINO et al, 2020, p.2425). As medidas de distanciamento social são efetivadas com o fechamento do comércio não essencial, interrupção de aulas, cancelamento de eventos culturais e mais drasticamente com a adoção do chamado lockdown, um bloqueio rigoroso que proíbe os indivíduos de uma localidade de saírem de suas casas.

A quarentena compulsória, apesar de não ser cumprida em sua totalidade em alguns locais no Brasil, levou grande parte dos moradores a um confinamento. Imagens como a Figura 3 expressam a reclusão de seres humanos impedidos de deixar seus lares sob possibilidade de sofrer algum tipo de sanção pela vigilância estatal. Ela transmite ideia de clausura, cautela e perda de autonomia. Impossibilitados de interagir fisicamente, muitos tomaram suas varandas e janelas como meio de contato com o mundo exterior.

Podemos ver na imagem que mesmo próximos, os indivíduos, mergulhados em solidão, tornam-se inalcançáveis uns aos outros. A imagem em questão é uma fotografia feita no período noturno e mostra um prédio com apartamentos em que a fachada é composta por material translúcido onde é possível enxergar silhuetas de pessoas nas janelas formadas pelo contraluz das lâmpadas que iluminam o ambiente interno dos imóveis. As diferentes temperaturas de cor das luzes formam um mosaico colorido composto por tons amarelados e azulados.

A busca de contato com o mundo exterior restrito faz os corpos, imersos em cápsulas residenciais, se tornarem formas visíveis. A fotografia corrobora com a reflexão proposta por Preciado (2020) sobre a pandemia quando o autor afirma que “durante anos, nós os tivemos no limbo dos centros de detenção. Agora somos nós que vivemos no limbo do centro de detenção de nossas próprias” (PRECIADO, 2020). Os prédios, símbolos do espaço urbano, assumem outros contornos, as esquadrias evidentes fazem alusão às grades utilizadas em celas, a visão que temos remete a um presídio vertical de emoções contidas.

Figura 3: Pessoas isoladas em seus apartamentos durante pandemia em São Paulo



Fonte: folha.com - 23/04/2020 - Foto: Victor Moriyama

Ressaltando outras perspectivas, Agamben (2020) argumenta que “consequentemente, aceitamos, apenas em nome de um risco que não era possível precisar, suspender de fato nossas relações de amizade e de amor, porque nosso próximo tinha se tornado uma possível

---

fonte de contágio” (AGAMBEN, 2020, p.24). As medidas restritivas são consideradas práticas eficientes no enfrentamento de pandemias em que não há ainda outros recursos de prevenção e tratamento da doença geradora do estado pandêmico, no entanto, elas suscitam questionamentos sobre a gestão política da crise sanitária.

Dito isso, é importante abordar o conceito de biopolítica, desenvolvido por Michel Foucault nos anos de 1970, que diz respeito às ações governamentais que incidem sobre as condutas humanas em relação aos aspectos da vida como saúde, educação e cultura. A separação dos corpos contaminados remonta à Idade Média, durante a epidemia de hanseníase no século XIV, quando os governantes tomaram a decisão de afastar os doentes das cidades. Esses aspectos estão intrinsecamente ligados à condução da vida humana. Michel Foucault (2008) dedicou parte de seus estudos à análise da crescente vigilância que os indivíduos vêm sofrendo em nossa sociedade, o que ele denominou de biopolítica.

Esta relação entre medidas tomadas pelo aparato estatal impondo diretrizes e procedimentos médicos é o que Foucault denomina biopolítica. Para o filósofo francês, biopolítica é “a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças...” (FOUCAULT, 2008, p.431). Essas resoluções são colocadas em prática através do que o autor denomina de governamentalidade definida por Foucault (2008) como:

por “governamentalidade” entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não parou de conduzir, e desde há muito, para a preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de “governo” sobre todos os outros- soberania, disciplina- e que trouxe, por um lado, o desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo [ e por outro lado], o desenvolvimento de toda uma série de saberes (FOUCAULT, 2008, p. 143- 144).

A preocupação em relação ao controle da pandemia estabeleceu restrições de circulação e até barreiras físicas inusitadas, como demonstrada na Figura 4. Trata-se de uma cena onde um filho abraça a mãe de 85 anos por meio de uma cortina de plástico em São Paulo. Na fotografia constatamos o que foi um recurso para amenizar os efeitos provocados pelo distanciamento social, sobretudo aos que pertencem aos grupos de risco, como os idosos. O contato físico é efetuado por meio de um material e cria-se uma imagem paradoxal, pois,



ao mesmo tempo traz a sensação de afeto e também de divisão. Mesmo fino e flexível, o plástico se posiciona como uma forma de controle que evita o contato pleno dos corpos.

Figura 4: Homem abraça mãe por meio de uma cortina plástica



Fonte: folha.com - 04/06/2020 - Foto: Rahel Patrasso

Além de identificar características evidentes de uma sociedade disciplinar no contexto atual da pandemia, também é possível observar aspectos de uma sociedade que ampliou os dispositivos disciplinares, afastando-se das estruturas físicas e adentrando uma esfera virtual. A chamada sociedade de controle, conforme discutida por Deleuze (1992), promove uma alternativa ao confinamento e baseia seu funcionamento na utilização de dispositivos tecnológicos de vigilância.

As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo (DELEUZE, 1992, p.223).

No desenrolar da história os dispositivos de monitoramento foram sendo aperfeiçoados e a cada nova epidemia conceitos de controle foram incorporados. Durante a pandemia da Covid-19, de acordo com Santos (2020), a sociedade não abandonou totalmente

---

as técnicas medievais de controle, mas incorporou competências contemporâneas na fiscalização dos indivíduos. “As pessoas, os espaços e a circulação são monitorados, através dos registros de dados obtidos por meio de aplicativos e das redes digitais, pelo poder médico e político, dentro ou fora das residências” (SANTOS, 2020, p.9).

As características da sociedade hiperconectada têm facilitado o monitoramento dos indivíduos, uma vez que a digitalização da vida gera rastros e dados que possibilitam uma vigilância mais estratégica e eficiente por parte das autoridades. Contudo, a sociedade hiperconectada contemporânea aperfeiçoou técnicas disciplinares de vigilância e controle, ampliando o monitoramento sobre os corpos individualizados (ALVES, 2021). O confinamento, as quarentenas e a limitação de movimento foram regras polêmicas estabelecidas por governantes durante o enfrentamento da crise sanitária.

A terceira imagem analisada foi registrada em Kuala Lumpur na Malásia, onde um scanner térmico mede a temperatura dos passageiros que entram no país pelo aeroporto internacional (Figura 5). Notamos um painel ocupando grande parte do quadro fotográfico, e nesta tela, além de alguns números referentes a medição da temperatura corporal, vê-se pessoas como uma visão em raio-x, apresentando aspecto fantasmagórico. O emprego de equipamentos de vigilância foi normalizado durante a pandemia.

O controle dos corpos passa também pelo uso de instrumentos capazes de aferir a condição dos indivíduos. De acordo com as regras estabelecidas, esses procedimentos podem determinar a permanência ou autorizar o acesso ao local monitorado. Segundo Foucault (1995), “o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo” (FOUCAULT, 1995, p.47). O uso de termômetros e radares infravermelho tem o intuito de detectar aqueles que apresentam temperatura corporal considerada febre, um sintoma da covid-19. Junto a isso, soma-se a realização de testes que coletam material biológico para detectar a doença. O resultado é preponderante para que o paciente cumpra o isolamento sem exercer suas atividades normais caso o resultado seja positivo.

Conforme Han (2020), a intensidade da vigilância pode ser intensificada com o desenvolvimento de dispositivos que possam extrair mais informações do corpo humano. “É possível que no futuro o Estado controle também a temperatura corporal, o peso, o nível de açúcar no sangue etc. Uma biopolítica digital que acompanha a psicopolítica digital que controla ativamente as pessoas” (HAN, 2020).

Figura 5: Scanner monitora passageiros em aeroporto na Malásia



Fonte: folha.com - 21/01/2020 - Foto: Mohd Rasfan

Para Paul Preciado (2020), a forma de controle disciplinar contemporâneo passa por transformações ao se adequar a uma sociedade intensificadamente cibernética. No caso da pandemia do novo coronavírus, a gestão política faz proveito de artifícios ocasionados pelo desenvolvimento tecnológico como, a comunicação via satélite, a telefonia móvel, inteligência artificial e os algoritmos, para estabelecer formas de monitoramento com intuito de proteger os corpos do vírus. "A Covid-19 legitimou e estendeu essas práticas estatais de biovigilância e controle digital normalizando-as e fazendo-as 'necessárias' para manter uma certa ideia de imunidade<sup>7</sup>" (PRECIADO, 2020).

Para o autor, a comoção causada pela pandemia tem projetado modelos de vigilância que mesmo após o fim da crise sanitária eles podem continuar sendo adotados com normalidade pelas autoridades. Outro autor que corrobora com esses pensamentos é Agamben (2020), que em sua visão, a falta de liberdade por meio da instalação de um estado de exceção é imposta por governos que aproveitam a sensação de pânico construída na sociedade com apoio do poder midiático.

<sup>7</sup><https://campodiscursivo.paginas.ufsc.br/files/2021/09/TEXT0-18-Paul-Preciado-Aprendendo-com-o-v%C3%ADrus.pdf>

---

O que preocupa não é tanto, ou não somente, o presente, mas o depois. Assim como as guerras deixaram de herança à paz uma série de tecnologias nefastas, dos arames farpados às centrais nucleares, também é muito provável que se tente dar continuidade, mesmo após a emergência sanitária, aos experimentos que antes os governos não conseguiam realizar: que universidades e escolas sejam fechadas e que se deem somente aulas on-line, que cessem finalmente os encontros e as conversas por razões políticas ou culturais e que haja apenas troca de mensagens digitais, que onde quer que seja possível as máquinas substituam todo contato – todo contágio – entre os seres humanos (AGAMBEN, 2020, p.16).

Byung-Chul Han (2020) também compartilha da mesma preocupação ao relatar que em diversos regimes asiáticos o controle estatal por meio de tecnologia já é consolidado. A interferência do Estado na vida pessoal dos indivíduos é ação recorrente na China, por exemplo, onde o conceito de esfera privada é esvaziado frente a uma vigilância digital que controla o acesso às redes sociais e instala milhões de câmeras de reconhecimento facial por seu território. "Poderíamos dizer que na Ásia as epidemias não são combatidas somente pelos virologistas e epidemiologistas, e sim principalmente pelos especialistas em informática e macrodados. Uma mudança de paradigma da qual a Europa ainda não se inteirou<sup>8</sup>" (HAN, 2020). O filósofo coreano destaca que algumas destas medidas têm sido mais eficientes no controle da pandemia que fechamentos de fronteiras, por exemplo, atitudes tomadas por muitas nações europeias. Junto a isso soma-se o comportamento asiático disciplinado revelado por uma obediência e confiança no Estado.

### **Considerações finais**

As fotografias apresentadas aqui são resultados de um esforço jornalístico fora do comum exigido pelo surto de coronavírus. Elas foram selecionadas de um vasto repertório de imagens disponíveis sobre a pandemia, com o propósito de contribuir para a compreensão de um fenômeno intrincado. As fotografias relacionadas à temática vigilância e controle são construídas por uma multiplicidade de olhares e não seguem um jeito de se fazer pré-estabelecido, surgem de maneira espontânea pelo ponto de vista das mais variadas escolas de fotojornalismo espalhadas pelo mundo e enriquecem a narrativa visual desta cobertura ainda em andamento.

---

<sup>8</sup><https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>

---

As imagens no jornalismo, como meio de representar visualmente a realidade, são capazes de levantar questões sobre a natureza da percepção e a relação entre a imagem fotográfica e a realidade que ela retrata. As fotos jornalísticas conseguem capturar momentos e expressões que refletem a diversidade de experiências humanas, permitindo uma reflexão sobre a identidade individual e coletiva. O fotojornalismo tem o potencial de provocar reflexões, estimular o pensamento crítico e gerar debates sobre questões fundamentais da existência humana.

No âmbito do fotojornalismo, identificamos uma relevante perspectiva que se apresenta como um desafio inspirador e uma oportunidade única. Trata-se de posicionar a fotografia não apenas como um meio de registro visual, mas como uma ferramenta de interconexão com diversas esferas do conhecimento. Acreditamos que o fotojornalismo tem o potencial de transcender suas fronteiras tradicionais e estabelecer vínculos com outras áreas, enriquecendo diálogos e contribuindo de maneira significativa para debates contemporâneos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, M. A. S. **Pandemia como laboratório de poder. (Des)troços: revista de pensamento radical**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 51–62, 2021. DOI: 10.53981/destroos.v1i1.32801. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadestrococos/article/view/32801>. Acesso em: 10 jul. 2023.

AGAMBEN, Giorgio. **Reflexões sobre a peste**. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

AQUINO, Estela M. L. et al. **Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil**. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2020, v. 25, suppl 1 [Acessado 20 Fevereiro 2022], pp. 2423-2446. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>>. Epub 05 Jun 2020. ISSN 1678-4561. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BEIGUELMAN, Giselle. **A pandemia das imagens: retóricas visuais e biopolíticas do mundo covídico**. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 2020, v. 23, n. 3 [Acessado 21 Novembro 2021], pp. 549-563. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p549.7>>. Epub 30 Out 2020. ISSN 1984-0381. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p549.7>

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2013.

---

DELEUZE, Gilles. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle (1990)**. In: \_\_\_\_\_. Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

\_\_\_\_\_, Michel. **Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

HAN, Byung-Chul. **O vírus de hoje e o mundo de amanhã**. El País, 22 mar. 2020. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>>. Acesso em: 19 fev. 2022..  
<https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>

PRECIADO, Paul. B (2020). "**Aprendendo com o vírus**". AGB-Campinas. Acessado em 18/02/2022 e encontrado em <https://campodiscursivo.paginas.ufsc.br/files/2021/09/TEXT0-18-Paul-Preciado-Aprendendo-com-o-v%C3%ADrus.pdf>. Publicado em El País em 28/03/2020. Tradução inédita dos geógrafos Gustavo Teramatsu e Wagner Nabarro

RODRIGUES, Adriano Duarte. **A imagem e o texto**. In: \_\_\_\_\_. Comunicação e Cultura; A experiência cultural na era da informação. Lisboa: Presença, 1994. p.121-127

SANTOS, R. E. (2020). **Epidemia, controle e vigilância: das quarentenas analógicas à quarentena digital**. Voluntas: Revista Internacional De Filosofia, 11, e33. <https://doi.org/10.5902/2179378643837>

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**, 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>